

Estudos Culturais e História da Educação: trajetórias e confluências

Heloisa Selma Fernandes Capel¹

Ana Raquel Costa Dias²

Resumo: O artigo discute a inserção da história cultural nos estudos de história da educação partindo da análise dos Anais dos encontros da SBHE (Sociedade Brasileira de História da Educação). A análise evidencia o uso crescente dos conceitos e temas da história cultural nos trabalhos realizados pela história da educação e a valorização das pesquisas voltadas para a questão da cultura. Os dados avaliados pela pesquisa demonstram que a partir do final da década de 1990, a área de educação começa a diversificar temáticas de pesquisa valorizando autores e conceitos-chave para os estudos culturais, como o conceito de "imaginário" e, em destaque, o de "representação" apropriado por Roger Chartier (1991), concepção teórica presente em grande parte das comunicações de pesquisa. O artigo objetiva levantar dados preliminares sobre o assunto e oportunizar discussões sobre interdisciplinaridade e a potencialidade dos estudos culturais para o campo da história da educação.

Palavras-Chaves: História cultural; História da educação; SBHE (Sociedade Brasileira de História da educação).

Abstract: This paper discusses the insertion of cultural history within history of education studies by analyzing proceedings from SBHE (Brazilian History of Education Society) conferences. The analysis reveals the growing use of cultural history concepts and themes in history of education studies, as well as the rising importance of research dedicated to the issue of culture. Data examined in this paper shows that the field of education began to broaden research topics as from the late 1990s, valuing scholars and key concepts of cultural studies, e.g. the concept of 'imaginary' and, particularly, of 'representation' as appropriated by Roger Chartier (1991), the latter a theoretical notion found in the majority of research communications. The present work gathers preliminary data on the subject and promotes discussions regarding interdisciplinarity and the potential role of cultural studies to the field of history of education.

Key words: Cultural history; History of education; SBHE (Brazilian Society for the History of Education).

Desde a década de 1990 a história da educação utiliza referências do campo da historiografia contemporânea, especialmente a partir dos princípios teóricos advindos da chamada história cultural em seu campo de investigação. Em eventos da área de educação tem sido comum encontrar pesquisas que citam de maneira explícita um autor bastante utilizado

¹ Professora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás. Contato: hcapel@gmail.com.

² Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Goiás. Contato: a.raquel09@hotmail.com.

na historiografia contemporânea a partir da “crise de paradigmas” na história e a recolocação dos discursos sobre sua objetividade: referências do historiador francês Roger Chartier e sua discussão sobre *representações* no clássico livro traduzido em português pelas editoras Difel e Bertrand Brasil: *A História cultural, entre práticas e representações* (1990). Tendo como suspeita essa observação, esta pesquisa partiu da inquietação essencial de se questionar a inserção da história cultural nos estudos em história da educação com o objetivo de conhecer suas conexões e a recepção dos chamados estudos culturais no Brasil.

Para tornar a análise possível, optou-se, inicialmente, pelo levantamento de dados sobre a história cultural nas pesquisas em história da educação disponíveis em trabalhos comunicados em um de seus mais significativos eventos: por meio do exame dos Anais dos encontros da SBHE (Sociedade Brasileira de História da educação) nos anos 2000 e 2011, os conhecidos Congressos Brasileiros de História da Educação. Todavia, os Anais do CBHE, numerosos em seus registros em mais de uma década de realização, exigiram um recorte de ordem teórica e prática: os anos 2000 foram anos em que o tema da cultura ainda se apresentava tímido nas comunicações do congresso, enquanto que em 2011, ano mais recente do evento até o momento da pesquisa, os temas e conceitos investigados apareciam em profusão, contrastando de maneira significativa com os primeiros anos investigados. Os Anais dos anos 2000 e do ano de 2011 se encontravam disponíveis para consulta, o que fez com que se pudesse aliar o indício do contraste temático com a viabilidade de obter acesso aos dados. Por tais motivos, os Anais dos anos 2000 e 2011 foram escolhidos para esta pesquisa.

Resolvidas as opções iniciais, outra questão se colocava: como tratar as centenas de textos presentes nos Anais dos Congressos ocorridos nos anos 2000 e 2011? A partir da investigação teórica de temas e conceitos da história cultural, da discussão bibliográfica em história cultural e na história da educação, optou-se por extrair de cada texto a definição essencial de sua opção teórico metodológica, elemento presente de início nos resumos dos artigos apresentados aos Anais. Os resumos, meios a partir dos quais as comunicações costumam ser aprovadas em congressos, devem conter o essencial do pensamento do autor naquele texto, apresentando-se, para esta pesquisa como adequados para dar a conhecer a opção metodológica do comunicador e sua escolha temática. Acrescidos da análise do editorial dos dois congressos, estas foram opções de levantamento dos dados preliminares apresentados por esta pesquisa.

O trabalho preparatório da investigação foi o de extrair, da bibliografia disponível, conceitos e temas considerados importantes para a história cultural e suas conexões com a área da educação. Para se chegar ao tema da cultura, o uso do conceito de representação e de

imaginário, eixos investigados nos resumos, foi necessário mergulhar na bibliografia sobre história cultural, especialmente nos esforços de definição de seus limites controversos em autores da história, e, ao mesmo tempo, nos pesquisadores da história da educação que, de maneira sensível, já apresentavam inquietações sobre a confluência das pesquisas nos dois campos investigativos. As leituras realizadas para o estudo das temáticas em questão se constituíram a partir de vários autores, destaque-se dentre eles: Chartier (1991); Pesavento (1995; 2003); Falcon (2006); Fonseca (2003); Castanho (2010); Warde (1990) e Cardoso (2011).

História cultural e história da educação: aproximações

A história cultural abarca variadas fontes de estudo, apresentando reflexões teórico-metodológicas que possibilitam a construção de olhares múltiplos. Não parece haver consenso entre os autores a respeito dos contornos da história cultural e de suas opções teórico-metodológicas. Todavia, todas são unânimes em admitir que a história, a partir das discussões advindas dos estudos culturais, é uma forma de interpretação que questiona sua própria objetividade. Isso faz com que os temas tradicionais se diversifiquem com a inclusão de aspectos menos universais advindos da chamada metahistória, ou da história dos grandes eventos. A historiografia contemporânea indaga sobre sua própria escrita e opta por privilegiar temas microscópicos, indícios que podem abrir significados menos sujeitos ao questionamento de sua própria subjetividade.

Os Anais dos encontros da SBHE confrontados com a bibliografia citada revelam uma história da educação que dialoga com a história cultural. Em tal contexto, concepções teórico-metodológicas afinadas com a história cultural são largamente utilizadas. São aportes constituídos por clássicos estudiosos da cultura como Peter Burke, Roger Chartier e Michel Foucault, teóricos que comparecem com frequência nos estudos investigados.

Mas qual seria o interesse em buscar a história cultural para refletir sobre a história da educação e sua história? Segundo Pesavento (2003) os estudos de história cultural se justificam pelo esgotamento das explicações oferecidas por modelos teóricos globalizantes, insuficientes como explicação do mundo a partir da “virada lingüística” e da quebra dos paradigmas na contemporaneidade. Essa “Nova História Cultural” trouxe também uma forma inédita de se perceber o campo da cultura, considerada a partir daí como “conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo” (PESAVENTO, 2003, p.15). Por outro lado, a história cultural valorizou a aproximação com outras ciências

humanas, admitindo abordagens diferenciadas, caminhos alternativos, aceitando temas menos generalizantes, sem desprezar os tradicionais estudos sobre mentalidades. Conforme assegura Vainfas:

Os historiadores da cultura (...), não chegam propriamente a negar a relevância dos estudos sobre o mental. Não recusam, pelo contrário, a aproximação com a antropologia e demais ciências humanas, admitem a longa duração e não rejeitam os temas das mentalidades e do cotidiano (VAINFAS, 2002, p.56).

E é partir dessa abertura que vários autores da educação buscaram aproximações com conceitos e temas afinados com a história cultural. Conforme explica Fonseca (2003), a história cultural tem se mostrado bastante diversa teórica e metodologicamente, em alguns casos, atraindo sob sua sombra diferentes posicionamentos sobre história e a cultura. Como atesta Chartier (2002), teórico bastante citado por pesquisadores da educação, a história cultural busca identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída e pensada, como se oferece à leitura, concepção adequada à crise de objetividade e enfatizada por Pesavento como o eixo sobre o qual se deve interpretar o mundo. Como explica a autora:

Pode-se dizer que a proposta da história cultural seria, pois, decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressam a si próprios e o mundo (PESAVENTO, 2005, p. 42).

Com uma concepção de cultura ligada à visão de mundo, mesmo que vinculada ao pensamento social, toda expressão cultural se relaciona diretamente com a sociedade como um todo, incluindo aí os processos e práticas educacionais. Partindo de tais concepções, a centralidade do **conceito de cultura** como forma de expressão e tradução da realidade de forma simbólica, foi um aspecto a ser investigado nos documentos reunidos nos resumos dos congressos de história da educação.

Por outro lado, sob a perspectiva da apropriação da história cultural no Brasil e as discussões sobre o lugar da história como meio de interpretação de mundo, o **conceito de representação** desenvolvido por Roger Chartier (1991) tornou-se verdadeiro eixo de combate da historiografia contemporânea e da história cultural no Brasil. Sua noção permitiu enxergar as práticas culturais e educativas, incluindo suas particularidades. O autor propõe um conceito de cultura como prática e sugere para seu estudo as categorias de *representação* e *apropriação*. Largamente utilizado nos estudos de história da educação, Chartier foi utilizado

para discutir práticas, apropriações e representações em diversos contextos histórico-culturais. Para o autor, o conceito não é uma abstração, mas está fundado na historicidade e na razão:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (CHARTIER, 2002, p.17).

Em tal perspectiva, falar de representação é o mesmo que “ver” o ausente, trazendo para o presente esse ausente vivido para dessa forma, poder interpretá-lo. Todavia, não se trata apenas de uma substituição, mas no reconhecimento da importância do conceito, vinculado às subjetividades coletivas e individuais e que articulam passado e presente. O conceito de representação articula-se diretamente ao de imaginário, conceito que nos permite compreender melhor a questão da legitimidade de sentidos partilhados e praticados no âmbito educacional. Segundo Pesavento, “o imaginário comporta crenças, mitos, ideologias, conceitos, valores e é construtor da identidade e exclusões, hierarquias, aponta semelhanças e diferenças no social” (Pesavento, 2003, p.43). Destaque-se, ainda, neste aspecto as concepções de Bronislaw Baczko (1985) e de Jacques Le Goff (1994). O primeiro destaca o imaginário como algo datado e histórico que comporta crenças, mitos e ideologias, sendo construtor de identidades e exclusões, enquanto o outro, por sua vez, o define como um regime de representações, como uma forma da realidade, que sendo uma tradução mental, pauta ações. Ainda de acordo com Pesavento, o imaginário se constitui como um sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo (Pesavento, 2003, p. 43).

Na acepção de Pesavento (2003), representações e os imaginários não só se colocam no lugar do mundo, mas fazem com que os homens conformem sua existência e realidade, inserindo-se em regimes de verossimilhança e de credibilidade e não de verdade, aspecto discutido pelas humanidades a partir do século XX (2003, p.41).

A influência da história cultural permitiu novas articulações entre as formas de pensar as práticas e o mundo social, tornando a história da educação mais sensível à pluralidade de ideias e imaginários presentes na sociedade e em suas práticas sociais (discursos, visões de mundo, condutas e ações, dentre outras). Portanto, ao utilizar a categoria de representação, Chartier abriu a possibilidade de pensar a cultura histórica para além dos quadros da historiografia, incorporando as práticas educativas. A referência ao conceito de representação

se deve à permissão de visualizar as práticas culturais, com inserção das práticas educativas presentes na sociedade em suas diferentes formas de manifestação.

Por outro lado, os últimos anos tem nos apresentado a ampliação do número de pesquisas em torno da história da educação. Para Fonseca em estudos realizados no ano de 2004, os trabalhos de história da educação carecem de uma sistematização quanto à possibilidade de inovação nas investigações, uma vez que privilegiam as reformas e análises curriculares e o estudo das instituições escolares. Estiveram, em alguns casos, centrados na história das políticas, da organização e do pensamento educacional. Não foi por falta de estímulos à ampliação do escopo temático.

De acordo com Vidal & Faria Filho (2003, p. 58-57) durante a década de 1980 foram criados vários grupos voltados para a discussão e trabalho da história da educação. Em 1984 na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisas em Educação (ANPED), surgiu o GT história da educação, no qual se difundiram novos horizontes de investigação na área, como a história das mentalidades, a história cultural e o pós-estruturalismo. Dois anos depois, era criado o Grupo de Estudos no Brasil na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), caracterizado por certo viés marxista de análise histórica. Em 1999 foi criada a Sociedade Brasileira de História da educação (SBHE)³ e em 2001, a Revista Brasileira de História da Educação. Todas essas iniciativas denotam o crescente interesse pela área, mas também a preocupação dos pesquisadores com os pressupostos teórico-metodológicos e suas inserções nas perspectivas propriamente historiográficas. No que compete à relação entre a história da educação e a história cultural, destacam-se os trabalhos de Fonseca (2003), Falcon (2006); Castanho (2006) e Cardoso (2011).

Segundo Fonseca (2003), a história da educação por sua vez, só surge como campo de apreciação historiográfica na coletânea de Freitas (1998), ausentando-se dos balanços que analisam os vários campos da investigação histórica no Brasil. Exemplifica ainda, que inúmeras têm sido as publicações dedicadas especificamente à história da educação, sem considerar a amplitude de seus temas e possibilidades interdisciplinares. Dentre elas destacam-se Saviani; Lombardi & Sanfelice, 1998; 1999; SBHE, 2001; Lopes & Galvão, 2001; Warde, 1990; Nunes & Carvalho, 1993. Na coletânea *História e historiografia da educação no Brasil*, organizada por Cynthia Veiga Greive, a historiadora Thais Nivia de Lima

³ No que se refere à história da educação, importante destacar, ainda, a atuação da ASPHE – Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação que, criada em 1997, promove encontros anuais. São espaços de debate e socialização das pesquisas da área que culminaram na consolidação da Revista História da Educação, integrada ao Scielo e qualificada em 2013 como periódico A2 pela CAPES.

Fonseca (2003) escreveu um texto em que explora as interconexões entre história cultural e história da educação. Nele define a história cultural como um campo historiográfico em que a história da educação se insere como campo investigativo. Em sua concepção, a história da educação não possui metodologia própria e não é construtora de seus próprios referenciais teóricos. A autora realiza uma crítica às propostas de alguns historiadores e estudiosos da área ao afirmarem e demarcarem fronteiras entre a história cultural e a história da educação e defende a aproximação (FONSECA, 2003, p. 72).

Os problemas para essa aproximação surgiram, especialmente, devido a um “presentismo pragmatista”. Expressão de Mirian Jorge Warde (1990) ao considerar que a história da educação só pode ser vista como uma ciência da educação ou mesmo uma ciência auxiliar da educação e não como uma especialização temática da história em si. Existem, por outro lado, discussões a respeito das experiências e reais dificuldades do historiador para lidar com algumas disciplinas. Consideradas por muitos como secundárias, ou seja, disciplinas que mesmo sendo de história não fazem parte dos departamentos acadêmicos de história. E é nesse contexto a partir dos anos de 1990 o mapeamento e a crítica da historiografia educacional brasileira tem valorizado o campo das discussões da educação sob a ótica da cultura (CARVALHO, 1998, p.239).

Para Warde (1990) a história da educação encontra-se em três traçados desiguais e justapostos: um a situa entre as muitas fragmentações internas do campo da história, outro no âmbito da história e em contraposição às demais ciências sociais, e por fim há o campo que a insere na chamada ciência da educação. Segundo a autora, em sua gênese e no seu desenvolvimento, a história da educação brasileira carrega uma marca que lhe é conformadora: a de ter nascido para ser “útil” e para ter sua eficácia medida não pelo que é capaz de explicar e interpretar os processos históricos da educação, mas pelo que oferece de justificativas para o presente. Este traço encerrou a história da educação em determinados campos, impedindo que ocorressem avanços.

Acerca da consonância anteriormente introduzida sobre a história cultural e a da educação, Sérgio Castanho identifica ambas como disciplinas de âmbito próprio, sem deixar de ser história. “A história da educação se ocupa do fenômeno educativo na medida em que este se transforma” (CASTANHO, 2010, p.90). Afirma que o campo da história cultural e o da história da educação apresentam uma intersecção possível, não pela absorção de uma pela outra, mas por uma “mútua fecundação”. Salienta, ainda, que as duas “histórias” ganham legitimidade justamente na medida em que se articulam com a totalidade histórica (CASTANHO, 2010, p.96).

Tal trajetória explica um pouco as carências no campo da história da educação e as interações possíveis com a história cultural. A trajetória da história da educação e sua abertura aos novos campos de discussão na história parecem apresentar uma fecundidade que será ampliada a partir do final dos anos de 1990, quando o debate sobre a cultura influenciava os teóricos da história e promovia, pouco a pouco, a abertura a outros campos de pesquisa e o uso de novos temas no Brasil. É o que, a partir da investigação dos conceitos de cultura, de um reconhecimento explícito do uso de história cultural em suas pesquisas e do uso do conceito base de representação, tentaremos avaliar nos Anais do CBHE, congressos bi-anuais promovidos pela SBHE⁴.

A SBHE e os Congressos de História da Educação

No sítio da SBHE está disponível um artigo publicado por Dermeval Saviani, Marta Maria Chagas de Carvalho e Diana Vidal, originalmente publicado na Revista Brasileira de História da Educação e em uma versão atualizada e ampliada na Revista *Memória, Conocimiento y Utopia*, apresentando a trajetória da Sociedade desde sua criação, em 1999, até 2011. Inicialmente é feita uma discussão sobre a formação do campo da história da educação no Brasil e a apresentação dos primeiros grupos interessados em pesquisar a área, originados em 1980 que geraram as discussões seminais que permitiram a formação da SBHE. Em seguida, faz-se a apresentação do processo de criação da SBHE e dos princípios fundamentais que integraram seus estatutos. Por fim, os autores realizam a descrição das variadas atividades da SBHE, envolvendo congressos, a edição da Revista Brasileira de História da educação (RBHE) e de outras publicações mantidas pela Sociedade. Ao final, analisam-se as perspectivas que se abrem para as investigações histórico-educacionais no Brasil e a importância dos intercâmbios internacionais que vêm sendo implementados nos últimos anos e que contam com o estímulo da SBHE.

Segundo Saviani (2011), a partir de meados da década de 1980, começa a ganhar visibilidade um movimento de discussão e revisão historiográfica que põe em questão os padrões então dominantes na produção sobre história da educação brasileira e foi nesse processo de revisão crítica, que surgiu a iniciativa, de alguns professores universitários e pesquisadores, de organizar, no âmbito da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa

⁴ Nos tempos atuais além da SBHE, pode-se destacar o empenho de alguns institutos em prol da produção e dos estudos que se referem à educação, entre eles principalmente o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) e da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), em especial através do Grupo de Trabalho em História da educação.

em Educação (ANPEd), um Grupo de Trabalho (GT), destinado a promover a aproximação dos historiadores da educação de todo o país, constituindo-se como espécie de um fórum permanente de discussão sobre questões historiográficas. Tinha como objetivo claro a discussão de temas, questões, categorias de análise e procedimentos metodológicos, promovendo assim a produção historiográfica educacional. O grupo foi criado na 7ª Reunião Anual da ANPEd, realizada em 1984.

Saviani (2011) destaca que esse movimento de renovação teórica, temática e metodológica foi fortemente impulsionado pelo Grupo de Trabalho História da Educação, no qual se firmaram, a partir do início da década de 1990, três orientações principais. A primeira problematizou a relação entre historiografia educacional e as fontes; a segunda orientação voltou-se às relações entre gênero e educação e a terceira orientação, por sua vez foi marcada pela relação com a história cultural em sua vertente francesa:

A terceira orientação, fortemente marcada pela interlocução com a vertente francesa da então chamada Nova História cultural, fortaleceu o processo de renovação em curso pela incorporação de referenciais teóricos que evidenciavam a historicidade do lugar de produção da prática historiográfica, pondo em cena a necessidade de historicizar a linguagem das fontes e das ferramentas conceituais da pesquisa em História da Educação. Pondo também em cena os processos históricos de constituição dos objetos investigados, essa vertente historiográfica abriu novas perspectivas de investigação sobre temas até então pouco estudados. É assim que um grande número de trabalhos de pesquisadores brasileiros incursiona no campo da história do impresso e de suas apropriações nas práticas escolares, ampliando os interesses de pesquisa dos historiadores da educação. (SAVIANI, 2011, p. 18)

Diante desse processo e dos incentivos proporcionados, a investigação sobre história da educação no Brasil foi impulsionada. De acordo com Saviani (2011) uma multiplicidade de estudos ampliou o campo temático da disciplina, apresentando novos referenciais teóricos. Esse crescimento foi favorecido pelas transformações que vinham reconfigurando o campo das pesquisas educacionais.

Após dois anos da criação do GT de História da educação da ANPEd, foi criado o Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” (HISTEDBR), organizado na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Essa iniciativa provocou a adesão de muitos pesquisadores, empolgados com a possibilidade de organização, em suas universidades de origem, de grupos de pesquisa articulados à UNICAMP.

A criação dos grupos de trabalho e pesquisa supracitados foi de extrema importância para a formação de um grupo mais consistente e numeroso de investigadores em História da Educação. Ainda, de acordo com Saviani (2011), tão importante quanto à criação dos grupos de pesquisa foi o contato intensificado com os pesquisadores da área, propiciado pela

realização dos Congressos Ibero-Americanos de História da Educação e dos Congressos Luso-Brasileiros de História da Educação. Para ele, tais congressos propiciaram não somente a aproximação dos pesquisadores brasileiros provenientes das diversas regiões do país como também promoveram o contato entre historiadores brasileiros e estrangeiros, o que influenciou um maior e melhor intercâmbio entre os pesquisadores da área.

Diante de um crescimento visível em torno das discussões envolvendo a História da Educação, a exigência de um espaço de exposição e discussão de trabalhos de tornou inevitável e necessário. Após um amplo processo de discussão, a criação de uma fundação veio a responder ao anseio dos pesquisadores, abrindo um novo espaço de interlocução e de consolidação da área. Trata-se de uma sociedade criada em 28 de setembro de 1999, incumbida de promover e expor produções atuais voltadas à História da Educação Brasileira.

Desde o ano 2000, a Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE) promove congressos nacionais, cumprindo o importante papel de congregar professores/as e pesquisadores/as que desenvolvem atividades de ensino e pesquisa na área, de forma a estimular a realização de estudos pautados pela crítica e pluralidade teórica, bem como promover o intercâmbio com outras entidades de representação nacional e internacional no campo da história da educação e áreas afins. Seus eixos temáticos buscam mobilizar reflexões e debates em torno da constituição da história da educação como campo epistemológico, na medida em que venham a descortinar espaços importantes para a compreensão da trajetória plural da história vivida, pensada e ensinada da/na educação brasileira.

O I CBHE ocorreu entre os dias 6 e 9 de novembro de 2000 na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), tendo por tema central “Educação no Brasil: história e historiografia”. Enquanto o VI CBHE foi realizado de 16 a 19 de maio de 2011, em Vitória (ES), com o tema “Invenções, Tradições e Escritas da História da educação no Brasil”.⁵

A partir dessas e outras temáticas, teóricos da educação e outros estudiosos têm se voltado para a cultura, com o intuito de repensar a prática educativa e buscar soluções para um sistema educacional visivelmente problemático como o brasileiro. Trata-se de enxergar na cultura outros modos de pensar o campo educativo, podendo refletir o passado e rever experiências e vivências. Os dados da trajetória da história da educação oferecidos por Saviani podem ser aferidos por esta pesquisa. Para realizá-la, avaliamos os resumos dos Anais do Congresso do ano 2000 e os confrontamos com os dados do ano de 2011. Como já indicado pela exploração da bibliografia, os conceitos a serem pesquisados são,

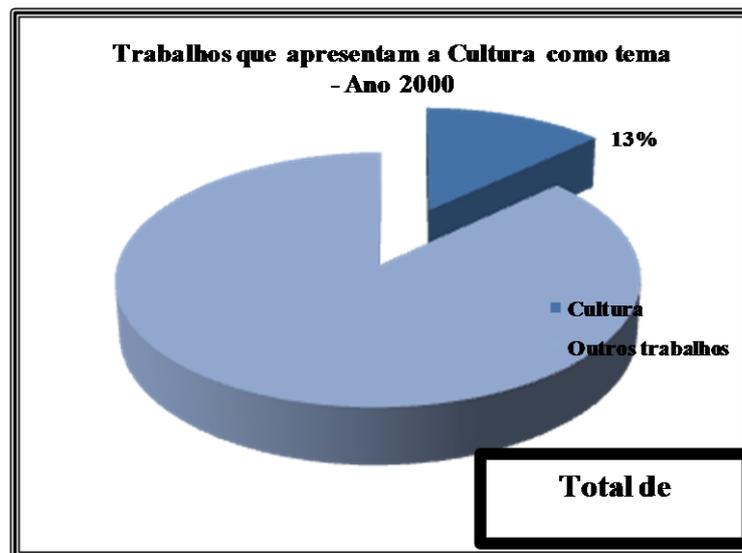
⁵ Os Anais acima citados estão disponibilizados de forma digitalizada e de fácil acesso no sítio: <http://sbhe.org.br/>.

especialmente, neste texto, os conceitos de cultura e de representação. Considerou-se, ainda, os trabalhos que se reconheciam como de história cultural ou que explorassem claramente os conceitos de representação. A partir da cartografia dos estudos de história da educação e a inserção dos estudos sobre a cultura, o levantamento preliminar realizado neste estudo, permite visualizar dados sobre o assunto, favorecendo a problematização do panorama e as tendências das pesquisas no período.

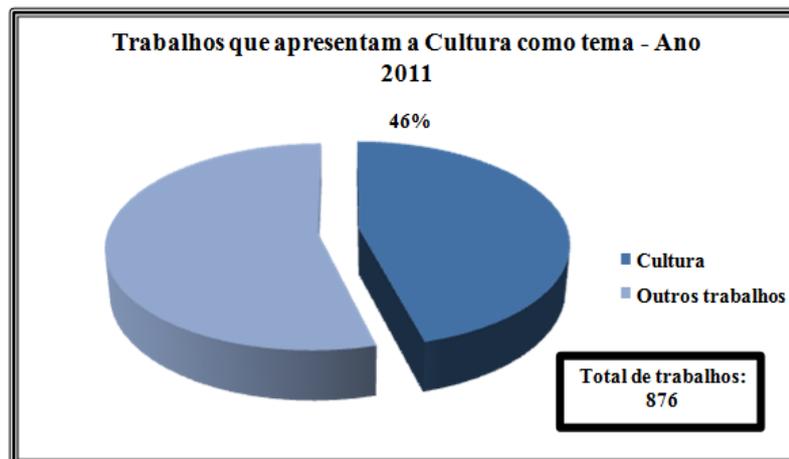
História Cultural e Pesquisas em História da Educação

A seguir apresentamos o balanço quantitativo referente aos trabalhos expostos nas comunicações individuais do I CBHE e do VI CBHE, analisados através de conceitos fundamentais da História Cultural: Cultura e Representação.

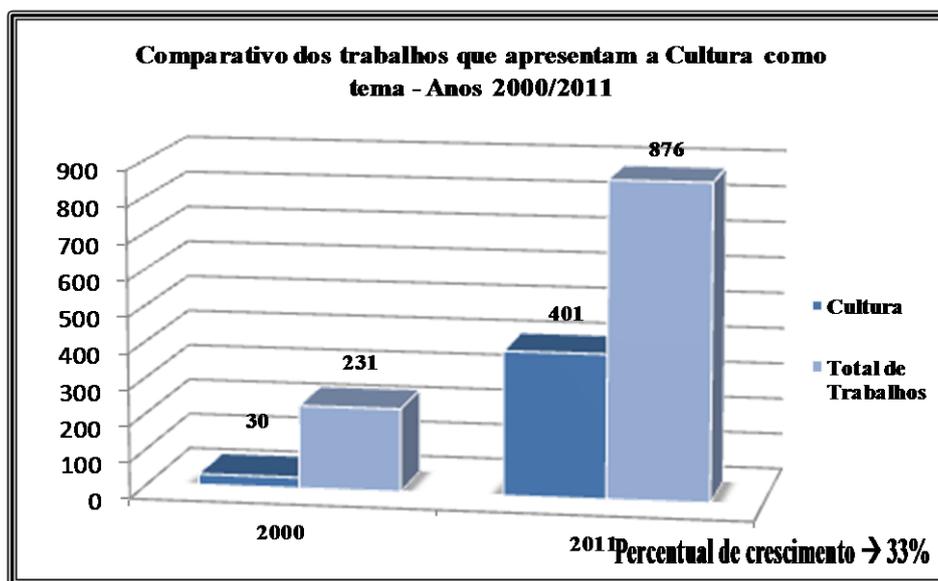
O primeiro questionamento construído, nesse universo de estudo, diz respeito à quantidade de trabalhos que tem a Cultura como tema.



Cultura como Tema. 2000. Dados: SBHE. Elaborado pelas autoras.



Cultura como Tema. 2011. Dados: SBHE. Elaborado pelas autoras.



Cultura como Tema. Dados Comparativos 2000/2011. Dados: SBHE. Elaborado pelas autoras.

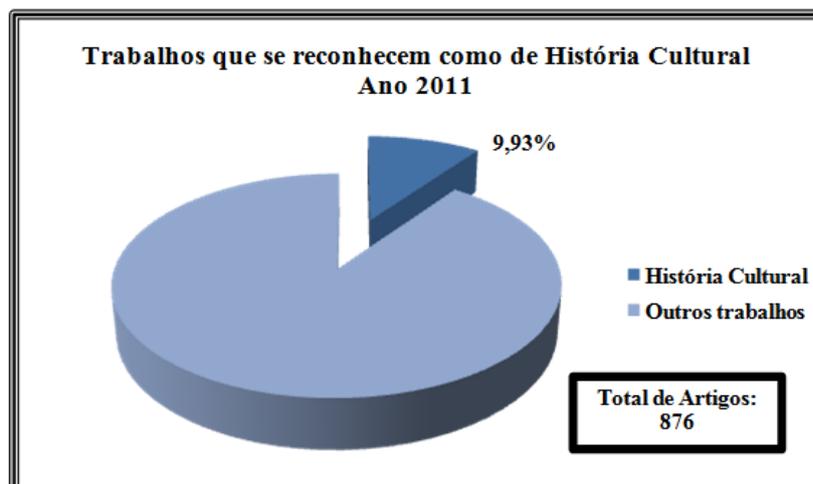
Com base nos gráficos anteriormente exibidos, considera-se um crescimento considerável de trabalhos voltados para a Cultura. Em 2000, as temáticas de Cultura significavam 13% do total dos 231 trabalhos apresentados. Em 2011, houve um crescimento de 33%. Aproximadamente 46% dos trabalhos tratavam da temática de Cultura. Vale ressaltar que o aumento quantitativo foi de 30 para 401, um aumento de mais de 12,5 vezes. E o aumento do número total de trabalhos apresentados foi de 231 para 876, refletindo um crescimento de 2,8 vezes. Este dado confirma as suspeitas e hipóteses elencadas sobre o assunto pelos teóricos anteriormente citados. Não só houve um acento nas discussões gerais

sobre a cultura, mas o campo da educação absorveu o debate, experimentando o uso de novas perspectivas metodológicas sobre o assunto. Entretanto, como se tratava de um campo de difícil definição, como legitimar os estudos que utilizaram o conceito de cultura, como pesquisas voltadas ao campo da história cultural? A opção foi pelo reconhecimento, feito pelos próprios pesquisadores, de seus estudos como “estudos culturais” ou “estudos de história cultural”.

No tocante ao reconhecimento do aporte teórico, era necessário colocar a pergunta: quantos trabalhos se reconhecem como de história cultural?



Trabalhos que se reconhecem como de História Cultural. 2000. Dados: SBHE. Elaborado pelas autoras.



Trabalhos que se reconhecem como de História Cultural. 2011. Dados: SBHE. Elaborado pelas autoras.



Comparativo dos Trabalhos que se reconhecem como de História Cultural. 2000/2011. Dados: SBHE.

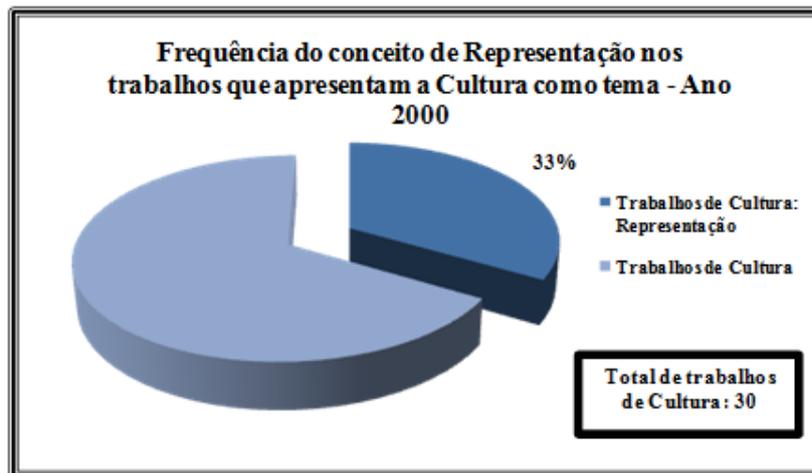
Elaborado pelas autoras.

Se em 2000, apenas 6,5% se reconhecem como trabalhos de História cultural, em 2011, aproximadamente 10% partilham o reconhecimento, caracterizando-se um crescimento de 3,43%. O aumento quantitativo de trabalhos de história cultural, foi de 15 para 87, um aumento de mais de 4,8 vezes. Enquanto o aumento do número de trabalhos quantitativamente foi de 231 para 876, simbolizando um crescimento de 2,8 vezes. Foi um aumento significativo. Não só houve um aumento dos estudos de história cultural no campo da história da educação, como eles se reconheceram, em grande medida, como estudos dessa natureza.

A partir de tal constatação, tornou-se importante indagar: Dentre os trabalhos que tiveram como eixo a cultura, quais os referenciais teórico-metodológicos adotados? Para responder a essa pergunta observamos a frequência do conceito de Representação nos trabalhos, eixo pelo qual se define o olhar epistemológico da história cultural, tendo como referência os estudos de Roger Chartier. Ao trabalharmos com o conceito de representação buscamos elencar sua utilização nos trabalhos sobre a educação. As práticas sociais, especialmente as práticas escolares, são analisadas à luz dos conceitos apresentados por Chartier que se apresentaram como um referencial de análise bem consolidado no campo educacional.

Cardoso (2011) explica que o referencial proposto por Chartier é bastante empregado, sobretudo quando se trata de trabalhos que têm dimensão na formação cívica e nacionalista presentes no livro didático de história, bem como em estudos sobre a infância escolarizada ou

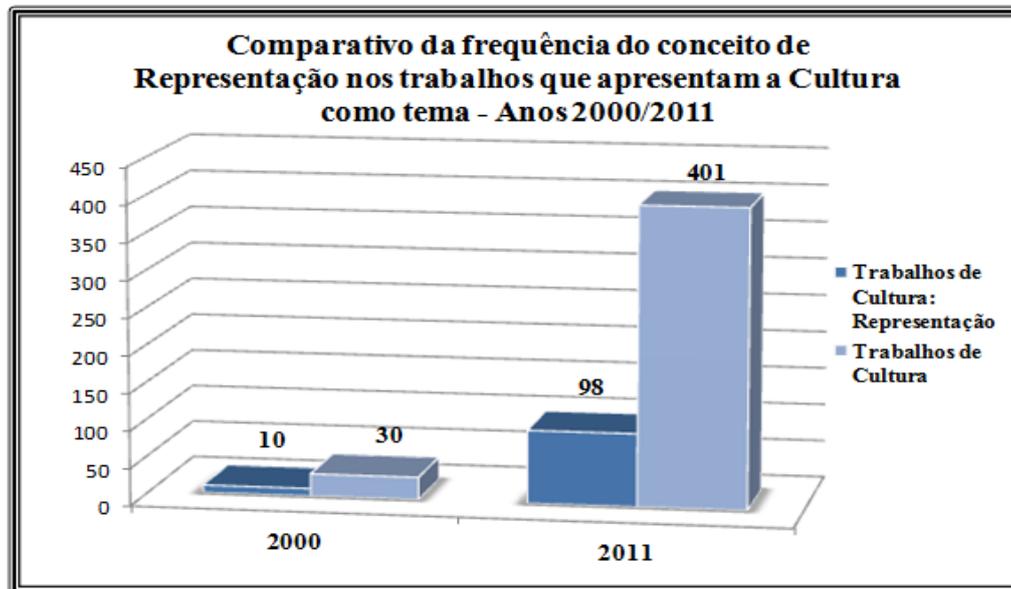
sobre os processos de escolarização, destacando-se os processos históricos de alfabetização. Portanto, os conceitos de “representação” e “apropriação” apresentados por Chartier permitiram que os pesquisadores da história da educação tratassem diversos temas, ampliando o leque de pesquisas anteriormente realizadas e enfatizando investigações ligadas ao cotidiano das práticas escolares, ao ensino de história, às práticas de leitura no interior das escolas.



Conceito de Representação. 2000. Dados: SBHE. Elaborado pelas autoras.



Conceito de Representação. 2011. Dados: SBHE. Elaborado pelas autoras.



Comparativo do conceito de Representação. 2000. Dados: SBHE. Elaborado pelas autoras.

Da totalidade dos trabalhos que tiveram como referencial a cultura, em torno de 30% deles, tiveram como base os estudos de Roger Chartier, utilizando-se operacionalmente, o conceito de representação em sua análise. O aumento quantitativo foi de 10 para 98 trabalhos, um aumento de mais de 8,8 vezes. Enquanto o aumento do número total, de trabalhos de cultura foi de 30 para 401, representando um crescimento de 12,4 vezes.

É de grande valia destacar que em 2011, dos eixos temáticos pré-definidos pelo CBHE, os trabalhos que tiveram como foco a cultura, predominaram primeiramente no eixo História das Instituições e Práticas Educativas, seguido pelo eixo Impressos, Intelectuais e História da Educação, o que já é um indício da influência dos estudos de história intelectual vinculados à nova história cultural. O terceiro eixo mais contemplado foi Estado e Políticas Educacionais na História da Educação Brasileira.

Dessa forma, em relação ao subtemas, dentre os trabalhos que tiveram como eixo a cultura, quais os principais assuntos tratados? Um amplo leque temático foi explorado pelos pesquisadores e incluíram principalmente trabalhos voltados para a cultura escolar e cultura escrita, relações de gênero: educação feminina e ou masculina, a questão do corpo, arquitetura escolar, biografias, micro-história e memória escolar brasileira. Tais estudos seguem a tendência das pesquisas historiográficas do período: são microtemas, com ênfase nos estudos de gênero.

O balanço preliminar quantitativo realizado demonstrou que no ano de 2000, dos 231 trabalhos expostos, apenas 30 apresentavam uma abordagem voltada para a cultura, enquanto,

no ano de 2011, dos 876 trabalhos, 401 tinham essa abordagem. Com as quantidades totais acima apresentadas, ainda no ano de 2000 apenas 3 apresentavam a temática do Imaginário e 10 a de Representação, enquanto em 2011, 27 apresentaram a temática do Imaginário e 98 o da Representação. Portanto, é perceptível o crescimento dos estudos da cultura, com o uso dos conceitos de imaginário e representação dentre os pesquisadores da área da educação.

Portanto, por meio dos gráficos apresentados por esta pesquisa preliminar, é possível afirmar que uma expressiva parte dos pesquisadores de história da educação concentrada nos congressos da SBHE, encontrou na cultura uma forma de estudar as instituições e sistemas educativos, discursos e linguagens, especialmente no que se refere às práticas educativas. Tais dados demonstram e refletem a concepção de Castanho (2006) ao afirmar que é possível dizer que a história cultural, seja sob a denominação de história das ideias ou sob a história intelectual, conquistou sua legitimidade acadêmica e influenciou, de maneira significativa a história da educação no Brasil. A observação também pode ser confirmada em uma sucinta e superficial análise em torno dos Anais da CBHE por meio da análise dos eixos temáticos sugeridos entre os anos 2000 e 2011.

Para ampliar a pesquisa, seria necessário, explorar mais profundamente os dados dos textos completos dos Anais, com nova confrontação de conceitos e sua efetiva utilização. Seria, ainda, bastante útil investigar os dados apresentados na revista da SBHE. A investigação preliminar serviu, entretanto para constatar a fecundidade das conexões entre história da educação e história cultural. Questionar práticas educacionais vinculadas aos recortes microscópicos, a história das disciplinas escolares sob a perspectiva de sua construção, da profissão docente e instituições escolares sob a ótica das representações e do imaginário, a história da leitura e processos de escolarização, além das questões de gênero na escola, parecem ter sido temas que se desenvolveram a partir da aproximação dos dois campos na busca de novas dimensões e interpretações. Em que pesem as discussões e polêmicas que envolveram os campos hegemônicos da educação e o predomínio de pesquisas sobre políticas educacionais com viés presentista, a virada cultural nos estudos na história da educação têm se apresentado de forma consistente em um movimento que merece maior atenção por parte de seus pesquisadores.

Referências

BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: LEACH, E. *Et al. Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

- CARDOSO, Maurício. Estevam. *Por uma história cultural da educação: possibilidades de abordagens*. Cadernos de História da educação. Uberlândia, MG: v. 10, n. 2. jul/dez.2011.
- CARVALHO, Maria. Marta. Chagas. de. A configuração da historiografia educacional brasileira. In: FREITAS, M. C. de. (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.
- CASTANHO, Sergio. Questões teórico-metodológicas de História cultural e Educação. In: LOMBARDI, J. C; CASIMIRO, A. P. B. S; MAGALHÃES, L. D. R. (orgs.). *História, cultura e educação*. São Paulo: Autores associados, 2006.
- _____. *Teoria da história e história da educação: por uma história cultural não culturalista*. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.
- CHARTIER, Roger. *A História cultural: entre práticas e representações*. 1ª Edição. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1990.
- _____. *A História cultural: entre práticas e representações*. 2ª Ed. Lisboa: Difel, 2002.
- _____. O mundo como representação. *Estudos avançados*, São Paulo, 11, 5, pp. 173/191, 1991.
- FALCON, Francisco José. Calazans. História cultural e história da educação. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro: v. 11. n. 32. mai/ago. 2006.
- FONSECA, Thaís Nivia de Lima e. História da educação e história cultural. In: GREIVE, C. V; LIMA & FONSECA, T. N. de (Orgs.). *História e historiografia da educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- _____. Historiografia da educação na América portuguesa: balanço e perspectivas. In: CONGRESSO DE PESQUISA E ENSINO EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM MINAS GERAIS, 2., 2003, Uberlândia. *Anais*. Uberlândia: UFU, 2003.
- _____. *História e Ensino de História*. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- LE GOFF, Jacques. *O imaginário medieval*. São Paulo: Editorial Estampa, 1994.
- NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Historiografia da educação e fontes. In: 15ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu. *Anais*. Caxambu, 1992.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra História: Imaginando o Imaginário. *Revista Brasileira de História*. Contexto/ ANPUH. São Paulo: v. 15. n. 29. 1995.
- _____. *História & História cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. Cultura e representações: uma trajetória. *Revista do Programa de Pós-Graduação em História*. Porto Alegre: UFRGS, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, p.45-58, jan./dez. 2006.

SAVIANI, Dermeval; CARVALHO, Marta Maria Chagas de; VIDAL, Diana. Sociedade Brasileira de História da educação: Constituição, Organização e Realizações. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas: v. 11, n. 3 (27), p. 13-45, set./dez. 2011.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO (SBHE)/ I CBHE, 2000, Rio de Janeiro. *Anais*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/apresentacao.htm>>

SOCIEDADE BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO (SBHE)/ VI CBHE, 2011, Vitória. *Anais*. Universidade Federal do Espírito Santo, 2011. Disponível em: <<http://cbhe6.com.br/site/>>

VAINFAS, Ronaldo. *A Micro-História: os protagonistas anônimos da história*. São Paulo, SP: Campus, 2002.

VIDAL, Diana Gonçalves; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. História da educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880/1970). *Revista Brasileira de História*, São Paulo: ANPUH, v. 23, n. 45, p. 37-70, 2003.

WARDE, Miriam Jorge. *Contribuições da História para a Educação*. Em aberto, Brasília: INEP/MEC, ano 9, n. 47, jul/set.1990.